

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



A MOTIVAÇÃO E A COOPERAÇÃO DESPORTIVA NO ATLETISMO

Dineia Santos Silva

13396

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em **Psicologia Social e das Organizações**

2009

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



A MOTIVAÇÃO E A COOPERAÇÃO DESPORTIVA NO ATLETISMO

Dineia Santos Silva

Dissertação Orientada por: Professor Doutor Pedro Almeida

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em **Psicologia Social e das Organizações**

2009

Dissertação de Mestrado realizada sob orientação do Professor Doutor Pedro Almeida, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para a obtenção de Mestre na especialidade de Psicologia Social e das Organizações conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006

Agradecimentos

O percurso de uma caminhada, é sempre muito mais apreciado na companhia de pessoas, que directa ou indirectamente, contribuem para que consigamos atingir o nosso objectivo. Esta foi sem dúvida, uma longa e árdua caminhada que atinge nesta forma a sua expressão máxima. Como tal, considero ser de extrema importância salientar todos aqueles que contribuíram para que este trabalho se realiza-se.

Ao prof.Dr. Pedro Almeida, o meu mais reconhecido apreço, consideração e agradecimento. Somente a sua disponibilidade e constantes sugestões, permitiram que este trabalho se concretizasse.

Um sincero, agradecimento ao professor e treinador António Sebastião, pela ajuda na distribuição e recolha dos respectivos questionários, que permitiram a composição da amostra verificada neste trabalho.

À minha mãe, por me ter possibilitado algo que nunca teve oportunidade de realizar, mas também, à minha irmã e namorado, pelo constante carinho e força demonstrada. Tudo o que sou, somente a vocês o devo.

Por fim e muito importante, a um grande amigo José António Pacheco, que com o seu olhar, realmente cativa, dá força e confiança e alegra o meu ser.

NOME: Dineia Santos Silva

CURSO: Psicologia

ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO: Psicologia Social e das Organizações

ANO LECTIVO: 2008/2009

ORIENTADOR: Professor Dr. Pedro Almeida

DATA:

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: A relação entre a orientação motivacional para a tarefa ou para o “Ego” e a cooperação desportiva

RESUMO

A educação física para as crianças e jovens, consiste num período crítico do percurso educacional, dado que pode promover o seu futuro envolvimento desportivo e decisões acerca da sua participação em actividades físicas futuras. Deste modo, o estudo de modelos ou a identificação de determinantes psicológicas, assume-se como uma necessidade para o desenvolvimento de intervenções adequadas para o aumento dos níveis de actividade física.

A orientação motivacional e o sentido de cooperação, são factores de primordial importância na coordenação e no sucesso de diversas actividades humanas, e de impacto bem visível no âmbito do desporto. Assim, o presente trabalho destina-se à verificação das possibilidades de correlação entre orientação motivacional e sentido de cooperação em participantes de uma mesma modalidade desportiva, neste caso o atletismo, para o que se utilizou o “*Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire*” (TEOSQ), na versão portuguesa desenvolvido por Duda e colaboradores (1989, 1992, citado por Cruz, 1996), de Fonseca e Brito, (2006) e o *Cuestionario de Cooperación Deportiva (CCD)*, igualmente na versão portuguesa, de Almeida, Garcia-Mas, Lameiras,

Olmedílla, Ortega, Martins, (2006). A amostra foi constituída por 52 atletas, onde 51,9% dos sujeitos são do sexo masculino e 48,1% são do sexo feminino, de diversas especialidades.

Palavras-chave: orientação motivacional, cooperação desportiva, atletismo.

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO EM INGLÊS: The relation between the motivational orientation for the task or the “Ego” and the sportive cooperation

ABSTRACT

Physical education for children and young people is a critical period of the educational process, as this selling may promote individual`s futures involvement in physical activity and sports, and may influence young persons decisions about future sport and activity participation. Therefore, the study of models and identification of psychology variables, underscores the need of developing interventions to increase physical activity.

The motivational orientation and the direction of cooperation are factors of primordial importance in the coordination and the success of diverse activities human

beings, and well visible impact in the scope of the sport. Thus, the present work destines it verification of the possibilities of correlation between the motivational orientation an direction of cooperation in participants of one same porting modality, in this in case that the track and field so that it was used “*Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire*” (TEOSQ), in the Portuguese version developed by Duda and Collaborators (1989, 1992, cited for Cruz, 1996), and the *Cuestionario de Cooperación Deportiva (CCD)*,equally in the Portuguese version of Almeida, Garcia-Mas, Lameiras, Olmedílla, Ortega, Martins, (2006). A sample of 52 athletes, of diverse modalities.

Words- Key: motivational orientation, sportive cooperation, track and field

Índice

Introdução	1
Enquadramento Teórico	2
1.1 Definição do conceito, motivação	3
1.2 Abordagens e Modelos teóricos da motivação em contextos desportivos	5
1.3 Definição dos conceitos, cooperação e coesão desportiva	13
1.4 Abordagens e Modelos teóricos da cooperação em contextos desportivos	14
2. Método	20
2.1 Participantes	20
2.2 Caracterização dos instrumentos	21
2.3 Orientação motivacional	21
2.4 Cooperação desportiva	22
2.5 Procedimento	23
3. Resultados	24
3.1 Fidelidade	25
3.2 Estudo da relação entre a cooperação desportiva e a orientação motivacional dos atletas	26
4. Discussão	29
5. Conclusão	33
Referências bibliográficas	34
Anexos	39
Anexo A: Questionário sobre a cooperação desportiva (QCD)	40
Anexo B: Questionário sobre a orientação motivacional (TEOSQ)	42
Anexo C: Grelha sobre os dados sócio-demográficos	42
Anexo D: Tabelas e gráficos das variáveis sócio-demográficas	44
Anexo E: Correlações de Pearson com as variáveis cooperação e motivação; e, horas de treino semanal, cooperação e motivação	45

Lista de Tabelas

Figura 1: Modelo Conceptual da cooperação desportiva de (Almeida, Garcia-Mas, Lameiras, Olmedílla, Ortega, Martins, 2006)	18
Tabela 1- Caracterização dos Participantes	20
Tabela 2- CONSISTÊNCIA INTERNA DAS DIMENSÕES DAS ESCALAS ESTUDADAS	25
Tabela 3- TESTE DE KOLMOGOROV-SMIRNOV PARA A NORMALIDADE DAS VARIÁVEIS	26
Tabela 4- CORRELAÇÕES DE PEARSON ENTRE AS DIMENSÕES DAS VARIÁVEIS ESTUDADAS	27
Tabela 5 -CORRELAÇÕES DE PEARSON ENTRE VARIÁVEIS AMOSTRAIS E DIMENSÕES DAS VARIÁVEIS ESTUDADAS	28

Introdução

A motivação é o motor da acção. Cada comportamento humano é motivado, e do grau de motivação depende a estrutura do comportamento. Neste sentido, comportamentos com uma forte componente motivacional tendem a ser mais persistentes, mais bem orientados e mais eficazes, enquanto comportamentos de fraca motivação tendem a ser menos organizados, mais facilmente abandonados e mais votados ao insucesso.

A revisão da literatura, porém, mostra alguma falta de consenso para a definição de motivação. O autor Pittman (1998), propôs que a motivação pode ser perspectivada como a activação de desejos internos, necessidades e preocupações que estimulam o comportamento e conduzem o sujeito numa determinada direcção, visando satisfazer essas mesmas necessidades. Para os autores Ferreira, Neves e Caetano (2001) a motivação decorre da interacção entre o indivíduo e a satisfação, permitindo entender as origens individuais e situacionais da variabilidade dos estados emocionais.

Os psicólogos que se dedicam à investigação da motivação, consideram que a característica básica e comum de vários trabalhos prende-se com a ideia de que o ser humano é um participante activo nos acontecimentos e que os medos e expectativas o orientam para determinado comportamento, (Pittman, 1998).

Os seres humanos tem necessidade de construir sistemas de representações mentais coerentes para compreenderem o mundo que os rodeia e atribuir significado a essa realidade universal. A motivação parece ter um papel de destaque nesse processo e justifica, em parte, as alterações que se fazem sobre o sentido dessas representações.

Em suma, a importância atribuída à motivação no funcionamento humano significa que esta dimensão exerce uma forte influência nos vários domínios da nossa vida, por exemplo nas relações interpessoais, no desporto e sem esquecer a actividade profissional (Vallerand & Bissonnette, 1992).

Deste modo, nos finais do século XIX, a psicologia do desporto vem assumir cada vez mais uma extrema importância no domínio da psicologia. Assim, um dos tópicos de investigação mais conhecidos e mais estudados na psicologia do desporto é o da

motivação (Treasure e Roberts, 1998). Desta forma, a pesquisa efectuada a nível do desporto tem tido por base as teorias sócio-cognitivas enunciadas por vários autores (Nicholls, 1992; Duda, 1992; Duda e Whitehead, 1998; Treasure, 2001), em que estes concordam na definição da perspectiva orientada para a tarefa ou para o ego.

O conceito de orientação para a tarefa, caracteriza-se pela vontade e predisposição para a aprendizagem de novas competências, em que o indivíduo acredita que a competência é demonstrada sempre que a aprendizagem e a mestria são alcançadas e quando é despendido muito esforço. Neste caso, a avaliação da demonstração de competência é auto referenciada e o indivíduo é insistente, mesmo quando confrontado com dificuldades ou até com a derrota. Isto deve-se ao facto dos indivíduos perceberem o sucesso no desporto como sendo conseguido pelo esforço e cooperação (Williams, 1994).

Por outro lado, a orientação para o ego, caracteriza-se por uma preocupação predominante dos indivíduos em demonstrarem elevada capacidade perante os outros e acreditarem que a competência é referenciada externamente. Assim a preocupação central é a obtenção de uma performance superior à dos outros, sentindo-se o indivíduo com mais sucesso, sobretudo se conseguir esse resultado com pouco esforço (Duda et al, 1995).

Neste sentido, o presente estudo tem como objectivo fulcral, analisar a relação entre a orientação para a tarefa ou para o ego e a cooperação desportiva em sujeitos que praticam atletismo, tendo por base o modelo teórico motivacional de Nicholls (1984).

Estes atletas têm, a idade mínima de 16 e a máxima é de 29 anos, distribuindo-se pelos escalões júnior e sénior. Para avaliar este objectivo foram utilizados os seguintes questionários: para a motivação utilizou-se a versão traduzida e adaptada para a língua portuguesa, do “Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire” (TEOSQ), desenvolvido por Duda e colaboradores (1989, 1992, citado por Cruz, 1996), e para medir a cooperação desportiva foi utilizado o “*Cuestionario de Cooperación Deportiva*”(CCD), na versão portuguesa, de Almeida, Garcia-Mas, Lameira, Olmedilla, Ortega, Martins, (2006).

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 Definição do conceito *motivação*

O estudo da motivação consiste, na exploração e determinação da “intensidade” e “direcção” de um dado comportamento, tornado objecto de estudo (Chen, 2001; Deci & Ryan, 1985; Ryan & Deci, 2000). Assim, a motivação tem sido entendida como um factor fulcral na influência dos resultados da aprendizagem (Chen, 2002), pelo que ao mesmo tempo não é possível ignorar o seu carácter multidimensional ao nível da sua estrutura, definição e complexidade subjacente (Crally, 1973; Perrsaull & Vallerand, 19998; Rêgo, 1998).

Para crally (1973) e Pintrich e Schunk (1996), o termo motivação tem origem na palavra *movere* (do latim), que é algo que nos faz mexer, ir a algum sítio (mover) ou incentiva-nos a realizar uma tarefa. Uma das dificuldades na definição da motivação, é que este conceito não é directamente observável, sendo apenas verificado através de determinantes comportamentais que o individuo demonstra, possuindo assim um elevado grau de subjectividade (Perreault & Vallerand, 1998).

Em suma, a motivação pode ser descrita como um processo interno que regula e orienta um dado comportamento. Este processo é frequentemente afectado por factores pessoais e contextuais que estão associados com a adesão a uma actividade e as recompensas/punições provenientes desse envolvimento, Pelletier, Fortier, Vallerand, Tuson, Brière e Rilais (1995).

Para os autores Lazaro & Santos (2002), a compreensão da motivação no desporto torna-se importante no momento em que entendemos a motivação como um processo para despertar a acção ou sustentar o exercício. Segundo estes autores, a motivação é um conceito que se invoca com bastante frequência, procurando justificar as variações de determinados comportamentos, sendo assim importante para a compreensão do comportamento humano com o objectivo de suprir essa necessidade.

Como referem Weinberg & Gould (2003), motivação é um conceito geral utilizado para compreender o complexo processo que coordena e dirige a direcção e intensidade do esforço dos indivíduos. Segundo Alves, Brito & Serpa (1996), a motivação pode ser compreendida pelo conjunto de variáveis que determinam a “razão pela qual os sujeitos escolheram aquele desporto como pratica desportiva, porque se mantêm nesta actividade ao longo do tempo e porque desenvolvem um determinado nível de empenhamento”.

Segundo Brito (1994), a importância do estudo da motivação advêm da necessidade em explicar e analisar os motivos que geram determinadas acções, perceber porque é que variam e se prolongam, ou não, no tempo.

Torna-se necessário considerar que ao definir este conceito, Nicholls (1984) determinou três tipos de motivação: motivação orientada para o resultado; motivação orientada para a tarefa; e motivação orientada para a aprovação social. O primeiro conceito foi redefinido como “para o ego”, enquanto o segundo, foi proposto como orientação para a mestria (Biddle, 1993; Duda, 1996).

Contudo o terceiro conceito não tem sido muito estudado no contexto desportivo. Assim, a orientação para o ego, traduz-se na demonstração de capacidades superiores às de outros indivíduos. Quando um indivíduo está orientado para a tarefa, a realização da actividade está associada à mestria, ao desenvolvimento de capacidades e melhorias de competências auto-referenciadas (Boyd, Weinmann&yin, 2002; Harwood, 2002). O sucesso em situações orientadas para a tarefa traduz-se no desenvolvimento pessoal pela aprendizagem ou pela mestria percebidas na realização de habilidades, ou seja, no desempenho da tarefa. Ao invés, na orientação para o ego, o sucesso está relacionado com a vitória e com a demonstração de superioridade, sendo pouco valorizado, em si, o processo da tarefa, (Chi & Duda, 1995; Hemer, Ducan, T. & Ducan, 1998).

Será interessante compreender porque existem sujeitos de motivação fundamentalmente orientada para a tarefa, ou para o ego. Os autores Hanwood e Biddic (2002), sugerem que os indivíduos estarão predispostos para a orientação para a tarefa e/ou para o ego, como consequência de experiências socializadas e do contexto motivacional percebido.

Desta forma, (Steinberg & Maurer, 1999), uma orientação para objectivos de mestria, promove os padrões motivacionais mais efectivos que conduzem a um maior satisfação nas tarefas e níveis de percepção de competência, elevados índices de valores morais e crenças apropriadas para a obtenção de sucesso desportivo, maior persistência na tarefa e menores níveis de ansiedade.

1.2 Abordagens e Modelos Teóricos da Motivação em Contextos desportivos

As teorias da motivação são vistas, como um alinhamento contínuo do mecânico para o cognitivo de acordo com Roberts (1993), ou seja, segundo as teorias mecanicistas, o ser humano é um ser passivo em que a sua motivação é conduzida por correntes da psicologia. Á luz das teorias cognitivas o ser humano é um activo, o qual inicia a sua acção através de intercepções subjectivas dos contextos específicos de comportamentos que permitam a obtenção do sucesso.

Portanto, o indivíduo observa e analisa, tendo como referencia os seus conhecimentos e experiência adquirida e a partir deste ponto, inicia a sua actividade.

Dentro das teorias da motivação, algumas das mais utilizadas em trabalho de pesquisa e investigação em Psicologia do Desporto são: a teoria da competência motivacional; teoria das atribuições causais; teoria da auto-eficácia; teoria da avaliação cognitiva; teoria da auto-determinação; e, por fim a teoria dos objectos de realização.

Torna-se assim necessário compreender as várias perspectivas e quadros teóricos, de modo a entender e situar melhor a problemática do estudo, no âmbito do fenómeno desportivo.

A teoria da competência motivacional de acordo com Harter (1978, 1981) citado por Cruz (1996), é a teoria mais indicada para estudar os motivos de participação desportiva nos jovens. De acordo com este, os indivíduos com elevadas percepções de competências e controlo interno, apresentarão índices mais elevados de motivação e exercerão conseqüentemente mais esforço, persistindo mais tempo nas tarefas de realização. Os indivíduos são motivados a demonstrar competências numa área e se forem bem sucedidos, estas experiências resultam numa motivação continuada para a prática.

A teoria das atribuições causais, largamente adoptada pelos psicólogos do desporto, lida com regras utilizadas, visando compreender as causas do seu comportamento diário, preocupando-se com os procedimentos utilizados, pelo esquema de atribuições que os indivíduos adoptam na tentativa de fazer com que as suas vidas tenham significado.

No contexto desportivo, esta procura de explicações e de associações de causas aos factos é realizada a todo o momento (Carron, 1984; Durand, 1987), mencionados por Cruz (1996). Segundo este autor e Alves et al. (1996), a versão original desta teoria, que foi desenvolvida por Heider (1944, 1958), sendo difundida nos contextos desportivos por Weiner (1979), tem por base que todas as causas indicadas pelos indivíduos para as suas acções ou resultados, podem ser classificadas e analisados em três dimensões: locus de causalidade interno (quando a causa é inerente ao individuo); locus de causalidade externo (quando a causa é exterior ao individuo); e controlabilidade (variável segundo a influencia do próprio ou de outros sobre a causa).

No mesmo contexto, Alves e colaboradores (1996) afirmam que partindo da atribuição que os atletas fazem dos seus resultados, assim decorre o comportamento e motivação conseqüente, num processo que evolui do seguinte modo: o atleta participa numa determinada competição; no final da competição verifica-se um resultado que pode ser positivo ou negativo; de forma natural o atleta analisa o modo como decorreu a competição e que conduziu ao resultado verificado; a partir da análise efectuada, o jogador encontra uma explicação (atribuição) para o resultado que obteve.

A explicação encontrada poderá provocar no jogador um sentimento positivo de orgulho (reforçante), ou negativo, de vergonha (punitivo), que viram a determinar a sua

expectativa em relação ao próximo encontro. A motivação para a competição seguinte está assim condicionada pelo modo como todo o processo foi desenvolvido a partir da explicação encontrada pelo indivíduo para o que aconteceu.

O domínio da atribuição causal é considerado um marco histórico, na medida em que corresponde à primeira tentativa de abordagem dos processos mentais subjacentes ao comportamento dos indivíduos.

A teoria da auto-eficácia tem sido utilizada no contexto desportivo visando explicar a intervenção sobre os comportamentos, da procura do sucesso, suprimindo assim as limitações da teoria de atribuição. Bandura (1983), citado por Roberts (1993), utilizou o termo auto-eficácia para descrever a convicção, que o atleta utiliza, de forma a gerar o comportamento necessário para a obtenção de um resultado com sucesso. A auto-eficácia tem a ver com as crenças pessoais acerca das capacidades para realizar uma determinada tarefa.

Bandura (1983), cit por Cruz & Viana (1996), realça a importância de distinguir dois conceitos distintos: as expectativas de eficácia pessoal e as expectativas de resultado. Enquanto estas últimas se referem à crença pessoal de que um determinado comportamento promoverá determinados resultados (ex:” Se marcar um penalty, serei considerado e reconhecidos pelos outros como um jogador capaz”), as expectativas de eficácia referem-se ao grau de certeza e convicção pessoal que o individuo sente de que é capaz de realizar com sucesso os comportamentos exigidos para produzirem um determinado resultado (ex.: “Eu tenho 80% de certeza de que sou capaz de marcar cinco penalties em cinco tentativas.”)

Segundo a teoria da avaliação cognitiva, a motivação intrínseca é maximizada quando os indivíduos se sentem competentes e auto-determinados no envolvimento e desempenho em contexto específico. Esta teoria foi formulada por Deci (1975) e foi aplicada ao desporto e às actividades físicas em 1985, por Deci & Ryan op.cit.Anshel (1994).

Esta teoria também pode ser chamada de teoria da motivação intrínseca-extrínseca. A motivação intrínseca é muito desejada no desporto porque forma os motivos individuais para a participação no desporto. Alguém que participe numa actividade para

seu próprio divertimento e sem recompensas externas, diz-se intrinsecamente motivado. No que concerne à motivação extrínseca, estamos perante um desejo de realizar numa actividade devido à antecipação de uma recompensa, como dinheiro ou troféu. De acordo com Weiss & Chaumenton (1992), cit. por Anshel (1994), a motivação intrínseca é maximizada quando os indivíduos se sentem competentes e auto-determinados em lidar com o envolvimento. Anshel (1994) chama de impulsos primários (ou necessidades inatas), os que preparam o individuo com energia para o comportamento dirigido para determinada finalidade.

A teoria de Deci & Ryan propõe dois processos pelos quais as recompensas externas podem afectar a motivação intrínseca, na função de controlo e na função de informação. Na função de controlo, as recompensas externas podem alterar as razões para a participação do indivíduo no desporto. Recompensas internas (divertimento, prazer ou competências) podem transformar-se em recompensas externas (troféus, reconhecimento ou presentes). A motivação extrínseca anula a motivação intrínseca, deixando a fonte de controlo de ser interna à pessoa (o desportista apercebe-se que a sua actividade não está sujeita ao seu controle e a motivação intrínseca diminui), de acordo com Anshel (1994). Relativamente à função de informação, os sentimentos de competência e auto-determinação são outros factores nos quais as recompensas externas podem efectuar a motivação intrínseca.

O mesmo autor referindo-se a Deci (1975) e White (1959), defende que “as pessoas são atraídas para actividades nas quais se sentem bem sucedidas (percepcionam competências)”, portanto quem se sente competente está intrinsecamente motivado. Assim as recompensas proporcionam informação ao sujeito sobre a sua competência na actividade e poderão ter um efeito favorável na motivação intrínseca se aumentarem os sentimentos de competência e valor próprio das pessoas.

As teorias dos objectivos de realização formuladas por Nicholls (1984, 1989a), Dweck (1986), Elliott & Dweck (1988) e Ames (1992), citados por Cruz (1996), referem que os indivíduos são motivados para demonstrarem elevados níveis de capacidade e para evitarem a demonstração de baixa capacidade. Segundo estas perspectivas, as concepções de capacidade pessoal dos indivíduos baseiam-se em dois tipos de orientação nos seus critérios. Uns baseiam-se na sua competência, capacidade e

sucesso, recorrendo a critérios normativos e a processos de comparação social (por exemplo ter melhor rendimento que os colegas), outros consideram a sua capacidade e competência em consequência de objectivos auto-referentes e pessoais (por exemplo melhorar o rendimento pessoal, relativamente ao jogo anterior).

Segundo a perspectiva do autor, Nicholls (1992) os principais objectivos para os indivíduos orientados para a tarefa é aumentar a competência percebida, aprender novas tarefas ou melhorar novas competências. Para estes indivíduos o sucesso é definido como base em auto referencias padrão, esforçando-se ao máximo para demonstrarem aprendizagem, melhorando habilidades ou domínio nas tarefas.

Relativamente ao sucesso desportivo mediante a orientação para o ego, este é definido com base nos processos de comparação social, estando subjacente uma elevada imagem de si próprio e preocupações mais centradas no resultado final.

Deste modo, o sucesso subjectivo liga-se á sua demonstração de aptidão para ser superior aos outros, no que diz respeito ao seu desempenho, levando a percepção de competição baixa. Estes indivíduos são caracterizados por falta de esforço e persistência, desvalorização da actividade desportiva e selecção de tarefas e estratégias inapropriadas para o desenvolvimento do seu potencial. Por outro lado, os atletas com orientação para a tarefa fazem um investimento considerável de tempo e esforço na sua actividade física e utilizam o *feedback* acerca da sua performance em situações de competição para avaliarem os seus melhores resultados.

Esta teoria da formulação de objectivos centra-se nos efeitos da orientação para a tarefa ou para o ego, no desempenho de uma tarefa. Este conceito abrange duas concepções de capacidades distintas. A mais indiferenciada, é evidente na maioria dos indivíduos com menos de 12 anos, em que o empenho, a sorte e a dificuldade da tarefa não são distinguidas das capacidades, como causa dos resultados obtidos. A segunda concepção de capacidades (diferenciada), verifica-se em indivíduos com cerca de 12 anos, em que através de diversos estádios cognitivos, o empenho, a sorte e a dificuldade de uma tarefa, são diferenciadas como causas dos resultados verificados.

Assim, após a idade dos 12 anos, os indivíduos podem adoptar qualquer uma das concepções de capacidades, dependendo do contexto em que estão inseridos. Se este

ênfatisa a competição, avaliação normativa e demonstração pública de habilidades, verifica-se a adopção de uma concepção diferenciada (orientação para o ego). Caso o contexto privilegie avaliações auto-referenciadas, melhoria pessoal e aprendizagem, então verificar-se à a adopção de uma concepção indiferenciada (orientação para a tarefa).

De acordo com as teorias de Nicholls & Dweck, os indivíduos interpretam os seus rendimentos com base em duas perspectivas ou orientações, em termos de objectivos. Uma primeira orientação tem a ver com objectivos centrados na tarefa ou na aprendizagem, mais voltados para a aprendizagem de novas competências e no domínio de objectivos desafiantes do ponto de vista pessoal. Contrariamente, a outra orientação está relacionada com objectivos mais centrados no “ego” ou no rendimento, onde a preocupação dominante dos indivíduos consiste em maximizarem a demonstração de elevada capacidade e competência pessoal.

No mesmo sentido Ames (1992), op. Cit. Cruz (1996), distingue dois tipos de objectivos; de capacidade e de mestria. Um padrão motivacional mais positivo é evidente nos indivíduos que adoptam objectivos mais orientados para a mestria. Estes indivíduos dão mais ênfase ao esforço e ao trabalho, persistem durante mais tempo perante desafios difíceis e são mais interessados pela realização de tarefas ou actividades. Pelo contrário, os indivíduos mais orientados para a capacidade, ego e rendimento, preocupam-se em serem considerados como os melhores ou com a capacidade de obter sucesso sem grande esforço.

Estas orientações motivadas não devem ser entendidas como traços, de acordo com Roberts (2001), mas sim como esquemas cognitivos sujeitos a alterações de acordo com o processamento da informação considerada pertinente para a performance numa determinada tarefa. Desta forma os factores disposicionais são a propensão do indivíduo, para o envolvimento no tarefa ou ego numa actividade específica de realização, segundo Nicholls (1984b, 1989), citado por Roberts (2001), sendo possível um indivíduo manifestar uma elevada orientação para a tarefa e para o ego, numa situação específica. Estes factores foram classificados de orientações motivacionais por sugestão de Duda (1992, 1996, op. Cit, Duda, 2001)

O envolvimento na tarefa ou no ego depende então da situação e da orientação motivacional. Se o contexto desportivo é caracterizado por uma comparação social e o treinador enfatiza preponderantemente a vitória e os resultados, é provável que os indivíduos manifestam um envolvimento no ego. Ames & Archer (1998 por Pensgaard & Roberts, 2002) classificam este tipo de envolvimento de *clima de performance*. Se, por outro lado, o contexto é caracterizado pela aprendizagem de habilidades, pelo esforço na realização do melhor de cada indivíduo e o professor ou treinador usa uma avaliação privada da demonstração de habilidade, é provável que estes indivíduos manifestam um envolvimento na tarefa, classificado pelos mesmos autores, de *clima de mestria*.

Pode-se dizer então, que a perspectiva pessoal e a perspectiva de clima motivacional, bem como a sua inter-relação, são elementos essenciais no processo de motivação (Roberts, 1993).

Segundo o autor David McClelland (1989) a necessidade de realização pode definir-se como um esforço de execução em direcção a um grupo de padrões, em que se insere a ambição de querer ser excelente e de ser bem sucedido em situações de competição. Deste modo, os indivíduos gostam de adoptar responsabilidades para encontrar soluções para determinados problemas e têm tendência para sugerir objectivos exigentes e assumir determinados riscos, valorizando o *feedback* do seu desempenho.

Estes indivíduos procuram alcançar sucesso perante uma regra de excelência pessoal, tentam alcançar metas elevadas mas realistas, respondem de forma positiva à competição, preferem tarefas de cujos resultados possam ser pessoalmente responsáveis, assumem riscos moderados e relacionam-se de preferência com peritos. Assim, para que estes se sintam motivados nas suas tarefas, há que dificultar os objectivos a alcançar, aumentando o desafio e o esforço de execução da tarefa. É ainda também bastante importante para o sujeito a questão do feedback, na medida em que o líder deve sempre dar feedback sobre a realização dos objectivos, levando assim ao aumento da motivação e do seu desempenho.

Tendo em vista esta teoria da motivação, pode-se afirmar que os objectivos específicos aumentam a motivação e a performance, pois eles orienta o indivíduo para a

acção, e por isso, diariamente o sujeito esforça-se para realizar as suas tarefas porque se sente motivado para o fazer.

Ainda de acordo com a literatura, o autor, Duda (2001) afirma que os atletas com elevados níveis de orientação para a tarefa têm maior grau de entretenimento quando praticam desporto, uma vez que competem consigo mesmos no sentido de melhorar a sua performance, sendo também mais perseverantes.

Portanto a motivação de um atleta numa competição desportiva é ganhar ou superar-se a si mesmo, fazendo que o dia da competição seja muito importante e podendo afectar a performance deste (Rushall, 1979).

Na teoria da auto-determinação Ryan & Deci (2000), defendem que os indivíduos são conduzidos por três necessidades psicológicas fundamentais: a necessidade de competência; autonomia; e vínculo. A satisfação destas três necessidades é considerada essencial para um óptimo desenvolvimento e para a saúde psicológica.

Esta teoria visa compreender os componentes da motivação intrínseca e extrínseca e os factores relacionados com a sua promoção. Nestas perspectivas são abordadas a personalidade e a motivação humana, concentrando-se nas tendências evolutivas, nas necessidades, nas necessidades psicológicas inatas e nas condições contextuais favoráveis à motivação, ao funcionamento social e ao bem-estar pessoal.

Contudo, um aspecto que emerge de inúmeros estudos (boyd et al, 2002; Carr & Weigand, 2002; Chi & Duda et al, 1995; Duda et al, 1995; givvin, 2001; goudas & Biddle, 1993; Li et al, 1998; Standage & treasure, 2002; Steinberg & maurer, 1999; Wang et al, 2002) é o de se ter verificado uma ortogonalidade entre os dois factores do “Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire” (TEOSQ), (Orientação para a tarefa e para o “Ego”). Isto indica que é possível um individuo ter níveis elevados e/ou baixos em ambas as orientações, em qualquer momento. Desta forma, salienta-se que indivíduos com níveis elevados de Orientação para a tarefa e para o “Ego”, percebem-se como mais competentes do que os restantes, na medida em que, possuem maior número de fontes de informação acerca da competência e sucesso, ou

porque a percepção de situações de sucesso se origina de ambas as formas motivacionais (Givvin, 2001; Slandage & treasure, 2002).

Neste sentido, os autores, Fox, Goudas, Biddle, Duda e Armstrong (1994) sugeriram uma maior delimitação dos objectivos de realização em quatro perfis; elevado ego e tarefa; elevada tarefa e baixo ego; elevado ego e baixa tarefa; baixo ego e tarefa. Diversos estudos, (Hom, Duda & Miller, 1993; Fox et al, 1994; Roberts, Treasure & Kavussanu, 1996; Standage & Treasure, 2002; Steinberg & Maurer, 1999; Steinberg , Singer & Murphey, 2000), revelaram assim, que a adopção de ambas as orientações cognitivas, traduzem-se em maiores níveis de *performance*.

1.3 Definição dos conceitos de cooperação e coesão desportiva

Cooperação é um tema estudado em diversas áreas do conhecimento. Para o autor Coakley, (1994), cooperação como um processo social por meio do qual o desempenho é avaliado e recompensado em termos da realização colectiva de um grupo de pessoas trabalhando juntas para alcançar um determinado objectivo.

Quanto ao conceito de competição, este mesmo autor afirma que, é um processo social que ocorre quando recompensas são dadas a pessoas com base em seu desempenho comparando com os desempenhos de outros indivíduos que esteja realizando a mesma tarefa ou participando no mesmo evento.

Segundo Deutsch (1949), cooperação é definida como «o contexto interactivo em que as acções de um participante favorecem o alcance de um objectivo comum».

Sendo que, no pólo oposto, a competição se define como «a busca de objectivos mutuamente exclusivos, de tal modo que a aproximação de um individuo ao objectivo implica o afastamento do outro relativamente ao mesmo objectivo».

Segundo os autores, Almeida, Garcia-Mas, Lameiras, Olmedílla, Ortega, Martins, (2006), cooperação desportiva explica-se com base na interacção interpessoal e na procura de objectivos pessoais por parte dos jogadores no que diz respeito aos objectivos da equipa, do treinador e dos seus colegas.

Desta forma, o conceito de cooperação interpessoal desportiva, tem por base uma teoria explicativa da dinâmica interna das equipas desportivas diferenciando-se das teorias actualmente em vigor, especialmente no que concerne à coesão desportiva. Neste sentido, segundo os autores Carron, Brawley e Widmeyer (1998), (cit por Almeida, Garcia-Mas, Lameiras, Olmedílla, Ortega, Martins, 2006), a coesão desportiva é «um processo dinâmico que se reflecte na tendência de um grupo para não se separar e permanecer unido com a finalidade de conseguir os seus objectivos instrumentais e/ou para a satisfação das necessidades afectivas dos seus membros» destacando-se assim, duas categorias gerais: os aspectos sociais e a tarefa do grupo.

No que diz respeito, à literatura mais recente, o modelo de coesão incorpora conceitos como o da interacção; o *Team Building* como a única forma demonstrada para incrementar a coesão e o estilo de comunicação para treinadores.

1.4 Abordagens e Modelos Teóricos da Cooperação em Contextos desportivos

O desporto é parte integrante da cultura, e constitui uma forte motivação, tanto para jovens como para adultos, que nele pretendem rapidamente evidenciar-se. Contudo, as crianças não são especialistas, nem devem ser preparadas para o ser.

Segundo Kurz (1988), a infância ocupa, no tempo actual e na nossa sociedade, um espaço de preparação geral e específica para a vida dos indivíduos em idades posteriores.

Assim sendo, e dadas as características próprias do desporto, é fácil depreender a sua importância no processo de sociabilização das crianças. Facetas desportivas como o treino e a competição podem constituir-se valiosos elementos de aprendizagem, proporcionando às crianças e seus pares a oportunidade de, enquanto grupo, participarem em actividades com os outros e desenvolverem um sentimento colectivo (Kurz, 1988). Confirmando-se deste modo que competição e cooperação integram uma mesma unidade comportamental, não sendo meros opostos.

Do ponto de vista dos treinadores, porém, se é certo que a participação de crianças e adolescentes em contextos competitivos pode ajudar a prepará-los significativamente para futuros desafios de alto nível, nem todas as competições servirão de forma eficaz para esse fim. É imperioso que elas sejam devidamente ajustadas às características dos jovens; aos seus níveis de desenvolvimento e à sua capacidade de resposta.

Assim, nos primeiros anos de treino, as competições devem ser vocacionadas, sobretudo, para a formação e desenvolvimento de pressupostos coordenativos, técnico-tácticos e orgânico-musculares, de acordo com o nível de desenvolvimento físico e psicológico dos jovens. Só assim a competição poderá ser entendida e valorizada como um instrumento complementar de treino, capaz de contribuir eficazmente para a formação de valores e competências com significado numa perspectiva de futuro.

Deste ponto de vista, e de acordo com Rost (1995), há, portanto, necessidade de se desenvolver novo conteúdo e nova estrutura do sistema de competições, passando este a visar, claramente, oferecer suporte a um treino adequado à criança, opondo-se à especialização precoce, e promovendo uma construção sistemática a longo prazo.

Encontramos, neste campo, concordâncias entre autores, no que se respeita a valores e funções que a competição deve promover, nomeadamente: comparação das capacidades motoras e desportivas, a função formativa de aspectos coordenativos, técnico-tácticos e orgânico-musculares e do trabalho cooperativo de equipa.

Porém, tal como acontece relativamente à motivação o conceito de cooperação é complexo, e refere obrigatoriamente um continuo no qual a cooperação é um pólo, e competitividade o pólo oposto.

Para Edwards (1991), cooperação e competição constituem aspectos de um mesmo fenómeno relacional, dependendo estas atitudes da situação e da expectativa quanto ao valor adaptativo das respectivas acções. Ambos estes comportamentos estão, portanto, ao serviço de objectivos individuais, que vão sendo constituídos em determinados conceitos grupais que favorecem a cooperação e a competição, consoante o contexto e a avaliação da indicação apropriada. Na verdade, a preocupação do indivíduo é a de maximizar as suas possibilidades de adaptação ao ambiente, caracterizado por uma cultura e uma situação específica.

A experiência bem sucedida do comportamento de cooperação pode favorecer a manifestação de atitudes pró-grupais, e predispor o indivíduo a relacionar-se positivamente quanto às necessidades e bem-estar de outros; ao passo que contextos competitivos convidam os indivíduos à hostilidade e à agressão (Mead, 1937; Radk-yarrow & Zahn-Waxler, 1991).

Em síntese, estes autores parecem afirmar que as atitudes de cooperação ou de competição se aprendem e mantêm, fundamentalmente, em função da satisfação que proporcionam quanto aos resultados obtidos; podendo esta satisfação depender dos tipos de experiências previas do sujeito.

Deutsch (1949), enfatiza os aspectos estruturais e contextuais, na confirmação das várias modalidades de interacção em grupo; propondo a existência de dois níveis articulados de análise: o nível de estrutura, e o nível da subjectividade. Com o apelo a estes níveis pretende, assim, abranger as diversas variáveis, situacionais, culturais e pessoais, que intervêm na análise de uma ocorrência interaccional de grupo. Este autor conclui que comportamentos cooperativos e competitivos se estruturam frequentemente num contexto complexo, como é o caso da cooperação intra-grupo, associada à competição inter-grupo (como se observa nos desportos em que dois grupos se defrontam).

Aliás, a prática desportiva ilustra bem a complexidade deste tipo de comportamentos; sobretudo no que diz respeito à sua escolha. O mesmo indivíduo pode ser abertamente cooperante em determinadas situações, fortemente competitivo noutras, e hesitante em algumas (como quando dentro de um contexto de cooperação, se evidenciam elementos muitos competitivos, de acentuada motivação orientada para o ego). E todos estes comportamentos podem ser sucessivamente alterados num único contexto desportivo. Daqui se conclui que a escolha pontual do comportamento cooperativo, ou do de competição, será sempre motivada; tanto por factores objectivos quanto subjectivos.

Os conceitos de cooperação e competição grupal anteriormente propostos por Deustch e seus colaboradores, estendeu-se rapidamente à Teoria dos Jogos (Axelrod, 1986), adaptando-se a modelos tais como o do Dilema do Prisioneiro (Rabbie, 1995), (cit por, García-Mas e colaboradores, 2006), em que um jogador é forçado a escolher entre cooperação e competição, na incerteza da escolha de outro com o qual interage e que é igualmente forçado a escolher, partilhando ambos de um objectivo em comum.

Desta forma, definem-se as distintas condutas possíveis de cooperação e competição entre dois jogadores com um objectivo aparentemente comum, que se vêem obrigados a tomar esta decisão com informação nula acerca da decisão do outro e informação parcial acerca das interacções passadas do outro jogador.

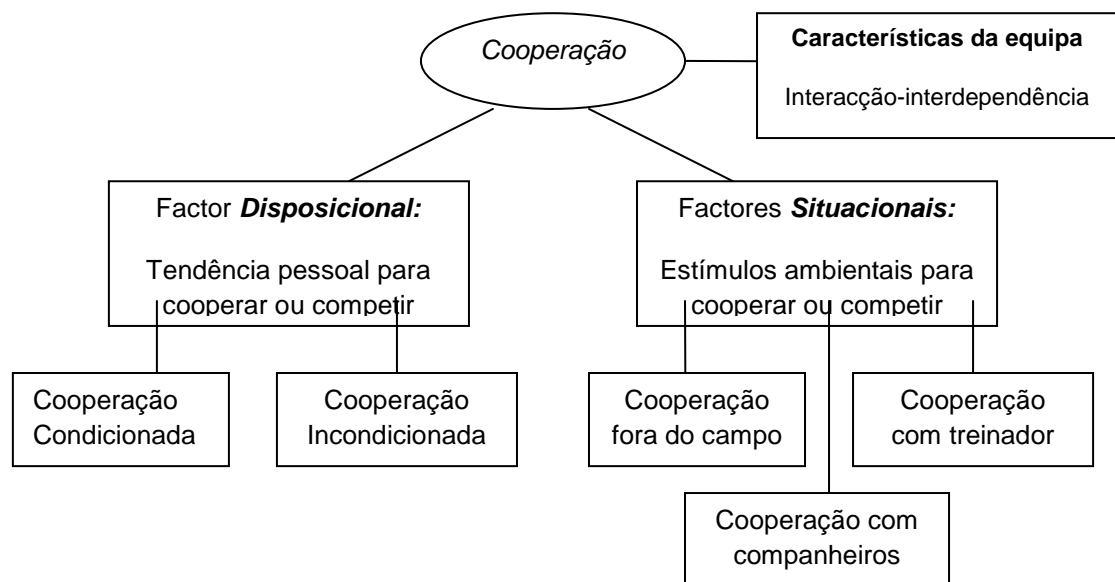
De acordo com os autores, Garcia-Mas e colaboradores, (2006), a necessidade de interacção leva à integração deste conceito nas teorias de Campo de Kurt Lewin, que nos diz que o comportamento dos sujeitos resulta de um conjunto de factores que coexistem no ambiente em que essa pessoa desenvolve a sua actividade; constituindo o referido conjunto de valores uma relação dinâmica e de interdependência, a que este autor chama «campo psicológico», ou seja, o próprio espaço de vida do sujeito, definindo a forma como este percebe e interpreta o ambiente externo que o rodeia; dada a consciência dos jogadores de possuírem um destino interdependente, tanto objectivo e real como percebido.

Desta forma, estes autores propuseram um Modelo Conceptual de Cooperação Desportiva, que nos diz que, a conduta desportiva observável de um jogador será em parte dependente da sua decisão em cooperar ou não face a um objectivo comum. Esta

decisão pode ser tomada em função de um factor disposicional mais estável, que reflecte uma tendência mais pessoal para cooperar ou competir, ou em factores de ordem situacional relativos a estímulos ambientais. Ou seja, o conceito de cooperação assenta em dois pressupostos base: 1) a concepção racional e utilitarista, derivada da interacção e interdependência interna, da tomada de decisões pessoal relativamente a cooperar ou não face ao objectivo colectivo da equipa; e, 2) a disposição pessoal para cooperar se esperar nada em troca.

Para melhor compreensão do modelo conceptual de cooperação desportiva, podemos analisar a figura 1.

Figura 1: Modelo Conceptual da cooperação desportiva de (Almeida, Garcia-Mas, Lameiras, Olmedilla, Ortega, Martins, 2006)



Segundo os autores deste modelo de cooperação, Garcia-Mas e colaboradores, (2006) a origem das acções de cooperação desportiva pode ser determinada face á tomada de decisão de cada jogador em função da preferência da racionalidade e da motivação para alcançar os seus objectivos; ou por outro lado podem ser determinadas por uma disposição pessoal para cooperar quando a motivação for menor ou nem existir, para o alcance dos seus próprios objectivos.

A origem desta cooperação pode ser determinada por uma propensão disposicional, em que os atletas têm uma tendência pessoal para cooperar ou competir, ou seja, pode ser uma cooperação condicionada ou incondicionada.

Estes autores também chamam a atenção, da existência de uma cooperação situacional diferenciada, ou seja entre diferentes estímulos que sejam importantes na situação desportiva, como por exemplo, o treinador e mesmo os seus colegas de equipa. Neste sentido, os atletas determinam dedicar o seu esforço físico, tático e técnico, de acordo com a sua percepção, isto é, de que podem atingir os seus próprios objectivos como compensação da interacção estabelecida com os colegas ou mesmo com o seu treinador, sendo esta também possível fora do campo desportivo.

Assim, no que diz respeito ao conceito de cooperação desportiva, destacam-se as seguintes variáveis: a tomada de decisão; objectivos de cada jogador, do treinador e da equipa; objectivos comuns ou contrapostos; interacção e interdependência; e, informação sobre os resultados da cooperação e/ou competição.

METODO

2.1 Participantes

A amostra deste estudo é constituída por 52 atletas, em que 51,9% dos participantes são do sexo masculino e 48,1% são do sexo feminino. Podemos verificar que 36,5% praticam velocidade, 1,9% praticam lançamentos, 13,5% praticam meio fundo, 11,5% praticam saltos, 3,8% praticam velocidade e barreiras, 1,9% praticam barreiras, 11,5% praticam velocidade e saltos, 1,9% praticam decatlo, 3,8% praticam velocidade e lançamentos, 3,8% praticam saltos e lançamentos, 5,8% praticam meio fundo e fundo e 3,8% praticam saltos e barreiras.

A tabela 1 contém a informação relativa à distribuição dos participantes pelas variáveis sócio-demográficas.

Tabela 1- Caracterização dos Participantes

	Média	Desvio- padrão	Mínimo	Máximo
Idade	20,12	3,03	16	29
Horas de treino por semana	13,55	5,83	1,50	25,00
Tempo que pratica a modalidade	6,81	4,23	1	18

2.2. Caracterização dos Instrumentos

2.3 Orientação Motivacional

Este estudo, é um estudo transversal de natureza correlacional, tem como objectivo central, analisar a relação entre a orientação para a tarefa ou para o ego e a cooperação desportiva em sujeitos que praticam atletismo, tendo por base o modelo teórico motivacional de Nicholls (1984).

Neste sentido, foi utilizado um questionário para medir a orientação motivacional no desporto (TEOSQ) e a cooperação desportiva (QCD) em atletas que praticam várias modalidades de atletismo, tais como: velocidade; lançamentos; meio fundo e fundo; saltos; barreiras; decatlo; e saltos.

Este questionário de orientação motivacional para o desporto (QOMD) é uma versão traduzida e adaptada para a língua portuguesa do “Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire” (TEOSQ), desenvolvido por Duda e colaboradores (1989, 1992, citado por Cruz, 1996), dos autores Fonseca e Brito, (2006).

Este instrumento pretende avaliar a Orientação Motivacional para a tarefa e/ou para o “Ego” em contextos desportivos, tendo por base o modelo teórico motivacional de Nicholls (1989).

Neste questionário, é pedido a cada indivíduo para indicar o seu grau de acordo ou desacordo com diversas afirmações, em resposta á seguinte questão: “Quando te sentes bem sucedido e com êxito no desporto?”. Mais concretamente, este questionário é constituído por 13 itens, que reflectem uma Orientação Motivacional para a tarefa ou uma Orientação para o “Ego”, relativamente à percepção de sucesso e êxito no desporto (Exemplo: de item: “Sinto-me com maior sucesso no desporto...quando dou o meu melhor”).

Assim, os itens deste questionário encontram-se distribuídos por 2 sub-escalas:
a) Orientação para a tarefa (7 itens; Exemplo: “...quando faço o melhor que posso”); e,

B) Orientação para o “Ego” (6 itens; Exemplo:”...quando sou o melhor de todos”). Os participantes respondem a cada item optando por uma alternativa, numa escala tipo Likert e 5 pontos (1=Discordo totalmente; 5= concordo Totalmente).

2.4 Cooperação Desportiva

No que diz respeito ao questionário de cooperação desportiva, (*Cuestionario de Cooperación Deportiva – CCD- Versão portuguesa*), de Almeida, Garcia-Mas, Lameiras, Olmedilla, Ortega, Martins, 2006), verificou-se que, este é constituído por dois factores disposicionais (Cooperação condicionada e Cooperação incondicionada) e um factor situacional (Cooperação com o Treinador).

É formado por 15 itens, divididos por cinco sub-escalas que pretendem avaliar outras tantas dimensões da cooperação desportiva, sendo duas destas disposicionais (Cooperação condicionada e Cooperação incondicionada) e três situacionais (Cooperação com o treinador, Cooperação com os companheiros de equipa e Cooperação fora do campo). Os participantes respondem a cada item numa escala tipo Lickert de 5 pontos (1= Nada; 5= Muito).

Quanto à fidelidade deste instrumento traduzido para a versão portuguesa, o valor do coeficiente de Alfa de Cronbach foi de 0,813, o que se pode considerar que este é dotado de uma boa consistência interna. No que diz respeito às diferentes sub-escalas, podemos verificar que têm coeficientes iguais ou acima de 0,7 logo também têm uma boa consistência interna, (Almeida, Garcia-Mas, Lameiras, Olmedilla, Ortega, Martins, 2006).

2.5 Procedimento

Para o presente estudo foram contactados 52 atletas, os quais se disponibilizaram imediatamente a participar no mesmo. A escolha dos atletas para a realização deste estudo baseou-se no critério de conveniência, na medida em que foi mais acessível e proporcionou mais facilidade na aplicação dos questionários.

Após contacto com os atletas e apresentada a proposta de trabalho, entrou-se logo no processo de resposta aos respectivos questionários.

Neste sentido, procedeu-se a uma amostra não probabilística ou não aleatória devido ao tipo de amostra ser mais fácil de recolher. Neste tipo de amostragem, a probabilidade de um determinado elemento pertencer à amostra não é igual à dos restantes elementos (Maroco, 2003).

Segundo Carmo e Ferreira (1998) a amostra não probabilística é seleccionada tendo em consideração um ou mais critérios julgados relevantes por parte do investigador, tendo em conta os objectivos do trabalho que está a ser efectuado.

Dentro deste tipo de amostragens, optou-se por uma amostragem por conveniência, na medida que se seleccionaram os participantes em função da sua disponibilidade, proximidade e acessibilidade.

Assim, optou-se por uma amostragem por conveniência, na medida que se seleccionaram os participantes em função da sua disponibilidade, proximidade e acessibilidade.

Desta forma, procurou-se abranger o maior número de sujeitos de diferentes modalidades que praticam dentro do atletismo, competições principais em que participa, número de horas de treino, disciplina que pratica dentro do atletismo e anos de prática da modalidade.

De acordo com Carmo e Ferreira (1998), na amostragem por conveniência recorre-se a um grupo de participantes que estejam disponíveis ou voluntários.

Neste sentido, os questionários foram distribuídos por vários atletas, sendo recolhidos pessoalmente pela autora do estudo; tendo esta recolha sido feita em duas fases. Numa primeira fase foram recolhidos 27 questionários e numa segunda fase os restantes 25 questionários.

Tal recolha demorou 3 semanas. Para realizar este estudo, foram entregues 52 questionários, com uma taxa de retorno de 100%. Em seguida procedeu-se a análise estatística dos dados obtidos.

3. Resultados

O objectivo deste trabalho visa analisar a relação entre a orientação para a tarefa ou para o “ego” e a cooperação desportiva em sujeitos que praticam varias especialidades dentro do atletismo. Assim, os dados obtidos foram submetidos a um tratamento estatístico.

Numa primeira fase, procedeu-se ao estudo da fidelidade através do cálculo de alfa de Cronbach. Em seguida, de modo a determinarmos se a amostra tem uma distribuição normal, recorreu-se ao teste Kolmogorov-Smirnov para cada uma das variáveis estudadas.

Por fim, calculou-se as correlações de Pearson entre as dimensões das variáveis estudadas; entre as variáveis amostrais e as variáveis estudadas.

3.1. Fidelidade

Os Resultados da Fidelidade foram avaliados para cada uma das dimensões, tendo se verificado que os valores do Alfa de Cronbach apresentam diferentes valores.

A escala QCD apresenta um alpha de Cronbach de 0,620 para a dimensão DCC, de 0,827 para a dimensão DCI e de 0,591 para a dimensão SCT. Relativamente à escala TEOSQ podemos verificar que a dimensão orientada para o ego apresenta um alpha de Cronbach de 0,776 e é de 0,673 para a dimensão orientada para a tarefa, conforme é apresentado na tabela 2.

Hill & Hill (2000) referem que valores superiores a 0,8 indicam uma boa fidelidade. Podemos assim concluir que de um modo geral os instrumentos utilizados evidenciam uma boa consistência interna.

TABELA 2- CONSISTÊNCIA INTERNA DAS DIMENSÕES DAS ESCALAS ESTUDADAS

Escala	Dimensão	Alpha- Cronbach
QCD	DCC	0,620
	DCI	0,827
	SCT	0,591
TEOSQ	Orientação para o Ego	0,776
	Orientada para a tarefa	0,673

3.2 Estudo da relação entre a Cooperação Desportiva e a Orientação Motivacional dos atletas

Para se saber quais as correlações a serem calculadas, é necessário primeiramente calcular o teste da normalidade, teste de Kolmogorov-Smirnov.

Como podemos verificar na tabela 3, a amostra corresponde a uma distribuição normal para todas as variáveis pois o p-value é superior ao nível de significância considerado.

TABELA 3 – TESTE DE KOLMOGOROV-SMIRNOV PARA A NORMALIDADE DAS VARIÁVEIS

	DCC	DCI	SCT	Orientação Ego	Orientação Tarefa
N	50	46	48	50	49
Kolmogorov-Smirnov	0,764	1,148	1,116	0,601	0,734
p-value	0,604	0,144	0,166	0,863	0,654

Relativamente às relações entre as variáveis estudadas recorreu-se às correlações de Pearson, em que se verifica a existência de correlações estatisticamente significativas entre as diferentes dimensões das variáveis em estudo da escala QCD.

Assim, determinou-se uma correlação de sentido positivo e de fraca intensidade entre as dimensões DCC e SCT ($r=,348$; $p=,017$), uma correlação de sentido positivo e de intensidade muito forte entre as dimensões DCI e SCT ($r=,659$; $p=,000$), e entre as dimensões DCI e orientada para a tarefa, sendo esta correlação de sentido negativo e de forte intensidade ($r=-,435$; $p=,004$), conforme podemos observar na tabela 4.

TABELA 4– CORRELAÇÕES DE PEARSON ENTRE AS DIMENSÕES DAS VARIÁVEIS ESTUDADAS

Dimensões:	QCD			TEOSQ	
	DCC	DCI	SCT	Orientada para o ego	Orientada para a tarefa
DCC		,251	,348*	,080	-,130
DCI			,659***	,102	-,435**
SCT				-,004	-,260
Orientada para o ego					,154
Orientada para a tarefa					

Nota: *** $p \leq ,001$; ** $p \leq ,01$; * $p < ,05$

Seguidamente verificou-se, se existem relações significativas entre as variáveis idade, horas de treino por semana e tempo de prática da modalidade em anos, em relação às variáveis das escalas estudadas. Analisando a tabela 5 podemos observar que foram encontradas duas correlações estatisticamente significativas, sendo uma de sentido negativo e fraca intensidade entre as horas de treino semanal e a dimensão DCI ($r=-,326$; $p=,029$), e outra de sentido positivo e de forte intensidade entre as horas de treino semanal e a dimensão orientada para a tarefa ($r=,384$; $p=,007$).

TABELA 5 – CORRELAÇÕES DE PEARSON ENTRE VARIÁVEIS AMOSTRAIS E DIMENSÕES DAS VARIÁVEIS ESTUDADAS

Dimensões:	QCD			TEOSQ	
	DCC	DCI	SCT	Orientada para o ego	Orientada para a tarefa
Idade	-,143	-,058	-,055	,057	,140
Horas de treino semanal	-,030	-,326*	-,233	-,203	,384**
Anos de prática da modalidade	-,062	-,077	-,058	,063	,193

Nota: *** $p \leq .001$; ** $p \leq .01$; * $p < .05$

Deste modo podemos concluir que existem relações entre a motivação e a cooperação, sendo que, no entanto, a idade não se relaciona qualquer um destes factores; somente as horas de treino semanal apresentam uma relação de sentido negativo e de fraca intensidade com a dimensão DCI ($r=-,326$; $p=,029$), que está relacionada com a cooperação, e outra de sentido positivo e de forte intensidade entre as horas de treino semanal e a dimensão orientada para a tarefa ($r=,384$; $p=,007$).

Somente as horas de treino semanal apresentam alguma relação sobre a dimensão DCI que está relacionada com a cooperação e com a dimensão orientação para a tarefa que está relacionada com a motivação.

4 Discussão

O objectivo deste trabalho visa avaliar a relação entre a orientação motivacional e a cooperação desportiva em sujeitos que praticam várias especialidades dentro do atletismo.

Os atletas que fazem parte desta amostra, são praticantes de especialidades individuais e de competição individual. Neste sentido, a cooperação avaliada foi pouco específica, ou seja, foi avaliada a cooperação destes atletas com o clube que pertenciam, com o treinador, e com os colegas em algumas provas, tais como, as estafetas. A cooperação que pretende compreender as dinâmicas internas da equipa em si, não foi avaliada devido à constituição e à escolha desta amostra.

A escolha desta amostra prendeu-se com o facto de ter apostado logo no início da tese, numa amostra constituída por forças especiais, o que não foi permitido. O tempo

de espera por uma resposta por parte destas forças especiais foi de longa duração, o que levou por fim a ter de decidir por uma amostra mais acessível e também devido ao factor tempo de entrega da tese que estava a escassear.

É de referir que esta escolha reflecte-se sobre os resultados, uma vez que não mede muitos dos factores importantes da cooperação desportiva resumindo-se basicamente aos tipos de cooperação acima mencionadas.

Assim, em relação à variável número de horas de treino, verificou-se que, quanto maior for o número de horas de treino menor será a cooperação (na sub-escala cooperação incondicionada); o que, dado que o treino não é avaliado pelos participantes como uma situação autêntica de contexto competitivo, poderá ser susceptível de diversas ordens de explicação, como, por exemplo, a diminuição do sentido de necessidade de cooperação, na ausência de um grupo adversário real.

Por outro lado, pode-se deduzir que, estes resultados podem dizer respeito ao facto destes atletas terem uma disposição pessoal em não cooperar devido as características do contexto desportivo, tais como as características do treinador ou mesmo dos seus próprios colegas (Garcia-Mas e colaboradores, 2006).

Já no que diz respeito à dimensão orientada para a tarefa, que está relacionada com a motivação, verificou-se que quanto maior for o número de horas de treino maior será a motivação. O que permite deduzir, na presente amostra que o que parece interessar aos sujeitos é aumentar a competência percebida, aprender novas tarefas ou melhorar novas competências. Ou seja, estes atletas quanto mais horas de treino realizaram, mais se esforçaram, tendendo a demonstrar uma maior aprendizagem e um aperfeiçoamento nas suas habilidades ou mesmo no domínio das tarefas; podendo isto ser um factor de maior motivação por parte destes atletas.

Vê-se assim confirmada a visão dos autor David Maclelland (1989), que defende que os objectivos específicos aumentam a motivação, pois eles orientam o sujeito para a acção e por isso o sujeito esforça-se para a realizar as suas tarefas porque se sente motivado para o fazer.

No mesmo sentido, tal como os autores Duda e seus colaboradores (1989,1992), defendem que também os sujeitos com mais elevados índices para a tarefa

percepcionam em termos do esforço que despendem e do progresso das suas competências, capacidades e rendimentos, os seus níveis de sucesso produtivo.

Quanto à dimensão cooperação incondicionada, que está relacionada positivamente com a dimensão cooperação com o treinador, pode-se deduzir que os atletas desta amostra terão entendido este nível de cooperação como um meio para atingir um fim.

No que concerne à relação entre as dimensões da escala de cooperação e a escala de motivação, verificou-se a existência de uma correlação de sentido negativo e de forte intensidade entre a dimensão motivação, nomeadamente na sub-escala orientação para a tarefa, (o que poderá ser entendido dada a individualidade das especialidades praticadas) e a cooperação na sub-escala (cooperação desportiva incondicionada), sugerindo-nos no presente caso a falta de ligação entre a cooperação e a motivação.

O que se pode deduzir que, para estes atletas a cooperação pode ser determinada por uma disposição pessoal para cooperar mesmo quando a sua motivação é em menor grau ou não existe (Garcia-Mas e colaboradores, 2006) como por exemplo: “ o treinador coloca um atleta a realizar lançamento de pesos quando o atleta é bom a realizar velocidade”, logo este atleta coopera realizando a prova mas não vai motivado, pois essa prova não é um dos objectivos pessoais desse atleta.

No entanto, e embora os resultados tenham sido prometedores, este trabalho peca por ter algumas limitações metodológicas.

Em primeiro lugar, há que destacar o facto da amostra ser pequena, o que impede a generalização dos resultados obtidos. Esta também é constituída por, praticantes de especialidades individuais e de competição individual, logo não foi possível compreender as dinâmicas internas da equipa.

Por outro lado, relativamente a futuros estudos podia realizar-se um estudo com atletas de outras modalidades em que se tentasse verificar se, com grupos diferentes obteriam, com o mesmo treinador, resultados idênticos; ou mesmo se, na análise de vários grupos se poderiam encontrar grupos de forte correlação entre si, podendo transformar-se em grupos-padrão para este tipo de estudos.

Também se poderiam realizar outros estudos em que utilizasse a orientação motivacional, a cooperação desportiva e o rendimento.

Sabendo que a motivação é um factor de extrema importância na obtenção de resultados experimentais em estudos de competição desportiva, parece legítimo interrogarmo-nos sobre se estudos feitos sobre atletas e grupos de alta competição, teria semelhança com estudos feitos com atletas de média ou baixa competição, com um mesmo treinador e/ou com treinadores diferentes.

Todos estes factores ficaram fora da avaliação deste estudo, o que seria benéfico que futuros estudos o tentassem explorar.

5 Conclusão

Dadas as características do presente estudo, dotado de uma amostra pequena e pouco apropriada a análise da relação de sentido positivo entre motivação e cooperação, não se torna possível extrair conclusões muito significativas no que respeita a esta interacção.

Percebeu que a cooperação incondicionada com a cooperação com o treinador tende a ser forte e percebida de forma vantajosa para os atletas.

Concluiu-se igualmente que ao aumento das horas de treino corresponde um aumento da motivação por parte dos atletas, embora, e curiosamente parece corresponder também uma diminuição na cooperação.

É de referir que, não se puderam verificar correlações entre as dimensões orientação para a tarefa e cooperação incondicionada.

VII .Referências Bibliográficas

Boyd, M.P, Weinmann, C. & Yiri, Z. (2002). The relationship of physical self perceptions and goal orientations to intrinsic motivation for exercise. *Journal of Sport Behavior*, 25 (1) , 1-18.

Bompa, T. (1999a). Planejamento a longo prazo: o Caminho para a alta competição. In V. J. Adelino, J., Coelho, O., (ed.) *Seminário internacional treino de jovens «os caminhos do sucesso»*. Lisboa: Centro de estudos e formação desportiva, pp. 139-150

Carr, S. & Weigand, D. (2002). The influence of significant others on the goal orientations of youngsters in physical education. *Journal of Sport Behavior*, 25 (1) , 19-40.

Chen, A. (2001). A theoretical conceptualisation for motivation research in physical education: An Integrated perspective. *Quest*, 53 , 35-58.

Chin, L. & Duda, J. (1995). Multi-sample confirmatory factor analysis of the task and ego orientation in sport questionnaire. *Research Quarterly for exercise and Sport*, 66 (2) , 91-98.

Cratty, B. (1973). Motivation. *Movement Behavior and Motor Learning* (vol. 13 , 255-274). Philadelphia: Ed. Lea & Febiger.

Cruz, J.F., Costa, F., & Viana, M. F.,. (1995). Avaliação da motivação para a competição desportiva: Estudo preliminar dos motivos para a prática e das razões para o abandono. *Avaliação psicológica: Formas e Contextos (Vol. III)*. Braga: APPORT- Associação dos Psicólogos portugueses.

Cruz, J. F., Costa, F. S., Rodrigues, R. M., & Ribeiro, F. M. (1988). Motivação para a prática e competição desportiva. *Revista Portuguesa de Educação*

Cruz, J. (1996). Treino de formulação de objectivos como estratégia motivacional. In J. Cruz (Ed.), *Manual de psicologia do desporto* (pp. 601- 627). Braga: Sistemas Humanos e Organizacionais. 35

Cruz, J. F., & Viana, M. F. (1993). *Manual de avaliação psicológica em contextos desportivos (Relatório Técnico)*. Braga-Lisboa: Projecto de Investigação e Intervenção Psicológica na Alta Competição.

Deutsch, M. (1949). A theory of cooperation and competition. In *Human Relations*, 2, 129-152

Edwards, J. (1991). Cooperation and competition: two sides of the same coin? In *the Irish journal of Psychology*, 12, 76-82

Fonseca, A., Brito, A. P. (2006). A questão da adaptação transcultural de instrumento para a avaliação psicológica em contextos desportivos nacionais: *o caso do Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire (TEOSQ)*, vol 41, p.95

Fonseca, A. (1995). Motivos para a pratica desportiva: investigação desenvolvida em Portugal. *Agon*. 1, pp.49-62

Fox, K., Goudas, M., Biddle, S., Duda, J. & Armstrong, N. (1994). Children's task and ego goal profiles in sport. *British Journal of Educational Psychology*, 64, , 259-261.

Givvin, K. B. (2001). Goal orientations of adolescents, coaches and parentes: Is there a convergence of beliefs. *Journal of Early Adolescence*, 21 , 228-248.

Grosser, M., Bruggemann, P., Zintl, F. (1989). *Alto rendimiento deportivo. Planificación y desarrollo*. Barcelona: Martinez Roca, SA

Harwood, C. (2002). Assessing achievement goals in sport: Caveats for consultants and a case for contextualization. *Journal of Applied Sport Psychology*, 14, , 106-119.

Harwood, C. & Biddle, S. (2002). The application of achievement goal theory in youth sport. In I. Cackerill (Ed),. *Solutions inSport Psychology*. London: International Thomson Business Press. , (p. 58-73).

Hill, M.M., & Hill, A. (2000). *Investigação por questionário*. Lisboa: Ed. Sílabo.

Kurz, D. (1988). *Padagogische Grundlagen des Trainings*: Hofman-Verlag, Schorndorf

Li, F., Harmer, P., Duncan, T. & Duncan, S. . (1998). Confirmatory factor analysis of the task an ego orientation in sport questionnaire with cross-validation. *research Quarterly for exercise and Sport*, 69 (3) , 276-283.

Nicholls, J. (1984). Achievement motivation: conceptions of ability, subjective experience, task choice and performance. *psychological review*, 91, , 328-346.

Maroco, J. (2003). *Análise estatística com utilização do SPSS (2ª Ed.)*. Lisboa: Ed. Sílabo.

Mead, G. (1937). *Cooperation and competition among primitive people*- New York: Mcgrow-Hill

Moreno, J. (1994). Fundamentos del deporte – Analisis de las estructuras del juego deportivo. Barcelona: INDE

Pestana, M.H. & Gageiro, J.N. (2000). Análise de dados para ciências sociais (2ªed., rev.). Lisboa: Sílabo Rego, M.L. (1998). Motivação para a prática desportiva. *Horizonte*, 81 (XVI), , 22-31.

Radke-Yarrow, M. & Zahn-Waxler, C. (1991); in Development of antisocial and prosocial behavior (pp. 207-233). New York: Academic Press

Roberts, G., Treasure, D., & Kavussanu, M. (1996). Orthogonality of achievement goals and its relationships to beliefs about success and satisfaction in sport. *The Sport Psychologist*, 10, , 398-408.

Rost, K. (1995). Le Gare nello sport giovanile. *Sue. Dello sport*, XIV (32), 69-73

Ryan, R.M. & Deci, E.L. (2000). Self-Determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development and well-being. *American Psychologist*, , 55, 68-78.

Schanabel, G. (1988). II Factore tecnico coodenatico. *Rivista di cultura Sportiva SDS.*, 13, 23-27

Standage, M. & Treasure, D.C. (2002). relationship among achievement goal orientations and multidimensional situational motivation in physical education. *British Journal of Educational Psychology*, , 72,87-103.

Steinberg, G.M & Maurer, M. (1999). Multiple goal strategy: Theoretical implications and practical approaches for motor skill instruction. *Journal of Physical Education, Recreation and Dance*, , 70 (2), 61-85.

Steinberg, G., Singer, R & Murphey, M. (2000). The benefits to sport achievement when a multiple goal orientation is emphasized. *Journal of Sport Behaviour*, , 23 (4), 407-422.

Verkhoshanski, Y. (1990). *Entrenamiento deportivo. Planificación y programación*. Barcelona: Martinez Roca

Wang, C., Chatzisarantis, N., Spray, C. & Biddle, S. (2002). Achievement goal profiles in school physical education: Differences in self-determination; sport ability beliefs and physical activity. *British Journal of Educational Psychology*, , 72, 433-445.

White, R.W. (1959). Motivation reconsidered: The concept of competence. *Psychological Review*, , 66, 297-333.

White, S. & Duda, J. (1994). The relationship of gender, level of sport involvement and participation motivation to task and ego orientation. *International Journal of Sport Psychology*, , 25, 4-18.

ANEXO A

QUESTIONÁRIO DE COOPERAÇÃO DESPORTIVA (QCD)

Instruções: Assinale, com sinceridade, uma “X” no seu grau de concordância com as frases seguintes. Não há respostas certas nem erradas. Interessa-nos apenas a sua opinião.

Muito Bastante Algo Pouco Nada

1	Se todos nos esforçarmos e nos ajudarmos uns aos outros, a equipa irá melhorar e alcançar os seus objectivos					
2	Eu colaboro com os meus companheiros e com o meu treinador, sejam quais forem as circunstâncias do jogo					
3	É tão importante cooperar fora do terreno de jogo como em campo, embora eu me considere um profissional.					
4	Quando ajudo o treinador, seguindo as suas instruções e esforçando-me nos jogos e nos treinos, espero que ele mo reconheça, dizendo-me ou colocando-me na equipa inicial.					
5	Coopero com o treinador, independentemente de ser titular ou suplente					
6	Colaboro com os meus companheiros de equipa, ainda que na equipa possa existir algum grupo que não ajude os companheiros.					
7	Trabalho conjuntamente com o treinador, independentemente de ser titular ou suplente.					
8	Quando com o meu jogo ou com o meu esforço ajudo algum companheiro em campo, espero ser reconhecido de alguma forma.					
9	Sigo sempre as instruções do meu treinador e acato as suas decisões, tanto nos jogos como nos treinos, chegando a sacrificar as minhas ideias acerca do jogo.					
10	Para concretizar os objectivos da equipa, temos de nos ajudar uns aos outros fora do campo, em					

	questões pessoais, ou no balneário.					
11	Esforço-me muito durante os treinos, ainda que isso signifique competir com algum companheiro.					
12	A minha cooperação com os meus companheiros e treinador, tanto nos jogos como nos treinos, depende da colaboração que eles me dão a mim.					
13	Eu colaboro com os meus companheiros, mesmo que estes tenham mais capacidades do que eu.					
14	Eu coopero durante o jogo, mesmo que não se note, por exemplo, movimentando-me sem bola ou dobrando um companheiro.					
15	Se todos cooperarmos, a equipa fica mais unida e pode render mais ou trabalhar melhor.					

ANEXO B

Questionário de Motivação

TEOSQ

As seguintes questões destinam-se a avaliar o seu grau de motivação na prática desportiva. Assinale com uma cruz os números de 1 a 5, o que melhor indicar o seu grau de concordância com cada uma das afirmações.

1 2 3 4 5

Discordo Totalmente

Concordo Totalmente

LEMBRE-SE de que não há respostas certas ou erradas. Procure ser o mais sincero(a) e aberto(a) possível de modo a permitir uma melhor compreensão da forma como se sente. Tenha o cuidado em responder a todas as questões.

Quando me sinto com mais sucesso no desporto é quando...

- | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 1. Sou o melhor a executar as técnicas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. Aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 3. Consigo fazer melhor do que os meus colegas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 4. Os outros não conseguem fazer tão bem como eu. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 5. Aprendo algo que me dá prazer fazer. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6. Os outros cometem erros e eu não. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 7. Aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 8. Trabalho realmente bastante. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

9. Ganho a maioria das provas ou marco a maior parte dos pontos. 1 2 3 4 5
10. Algo que aprendo me faz querer continuar a praticar mais. 1 2 3 4 5
11. Sou o melhor. 1 2 3 4 5
12. Sinto que uma técnica que aprendo está bem. 1 2 3 4 5
13. Faço o meu melhor. 1 2 3 4 5

ANEXO C

DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS

SEXO: M F : QUANTOS ANOS TEM? _____

CONCELHO ONDE RESIDE _____

Estado civil: Casado(a)/união de facto ; Solteiro (a) ; Divorciado/Separado (a)

Modalidade (s) que pratica dentro do
atletismo: _____

Competições principais em que
participa: _____

Nº de horas de treino por semana: _____

Posição onde joga: _____

Anos de prática da modalidade: _____

Agradecemos desde já a sua colaboração

ANEXO D:

TABELAS E GRÁFICOS DAS VARIÁVEIS SÓCIO-DEMOGRÁFICAS

FIGURA 1 - DISTRIBUIÇÃO GRÁFICA DA VARIÁVEL *SEXO*

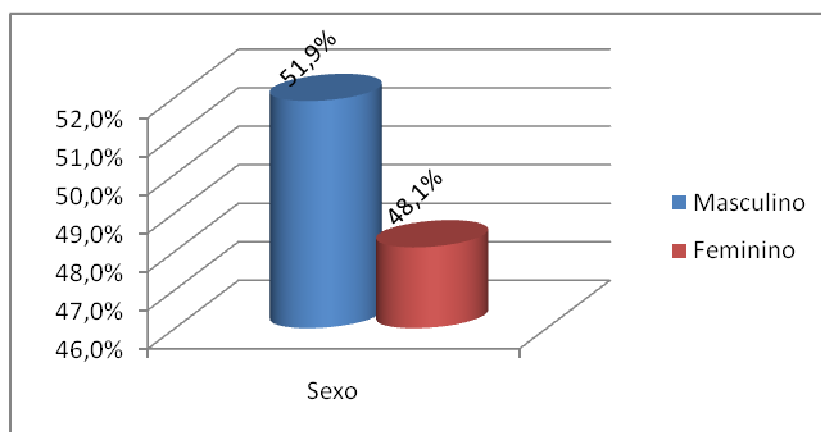


TABELA 1 – DISTRIBUIÇÃO DA VARIÁVEL *IDADE*

Média (DP)	Mínimo	Máximo
20,12 (3,03)	16	29

TABELA 2 – DISTRIBUIÇÃO DA VARIÁVEL *CONCELHO ONDE RESIDE*

Concelho	Frequência	Percentagem
Lisboa	7	13,5%
Oeiras	6	11,5%
Almada	2	3,8%
Setúbal	2	3,8%
Mangualde	1	1,9%
Odivelas	3	5,8%
Barreiro	1	1,9%
Sintra	14	26,9%
Seixal	2	3,8%
Caldas da Rainha	1	1,9%
Cascais	1	1,9%
Seia	1	1,9%
Póvoa de Santo Adrião	1	1,9%
Olhão	1	1,9%
Vizela	1	1,9%
Esposende	1	1,9%
Peniche	1	1,9%
Maia	1	1,9%
Póvoa do Varzim	1	1,9%
Matosinhos	1	1,9%
Sever do Vouga	1	1,9%
Trofa	1	1,9%

FIGURA 2 - DISTRIBUIÇÃO GRÁFICA DA VARIÁVEL ESTADO CIVIL

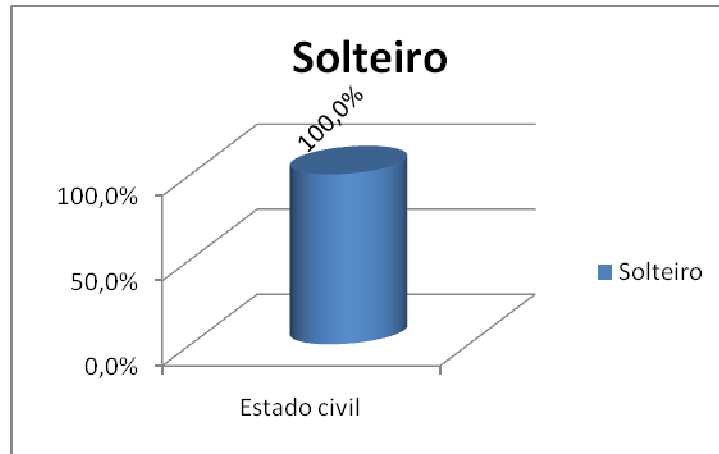


FIGURA 3 - DISTRIBUIÇÃO GRÁFICA DA VARIÁVEL MODALIDADE QUE PRATICA DENTRO DO ATLETISMO

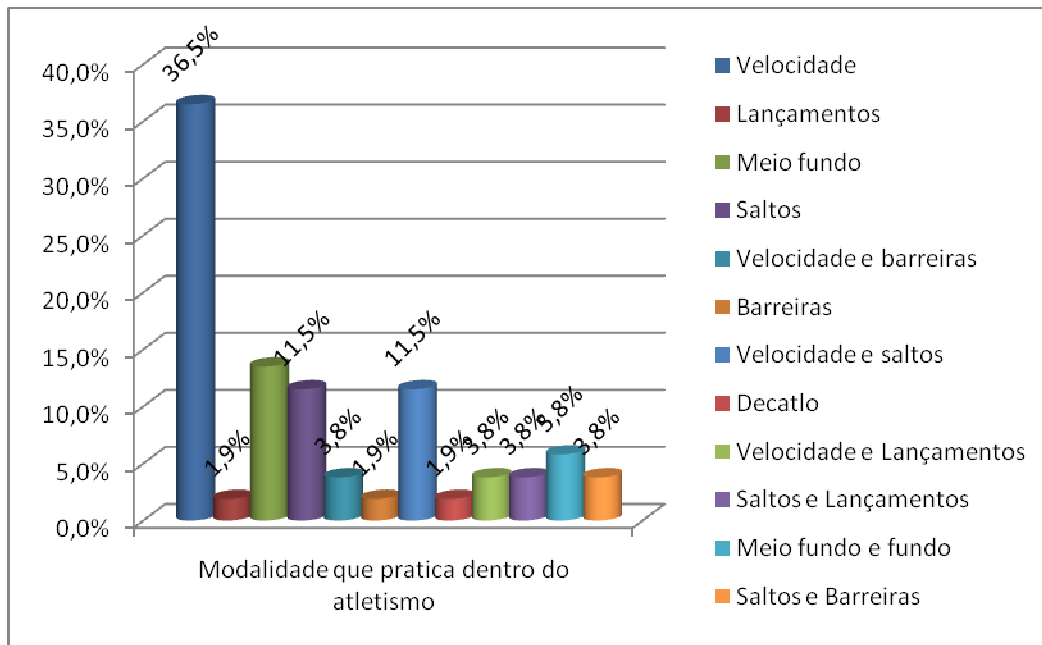


FIGURA 4 - DISTRIBUIÇÃO GRÁFICA DA VARIÁVEL *COMPETIÇÕES*

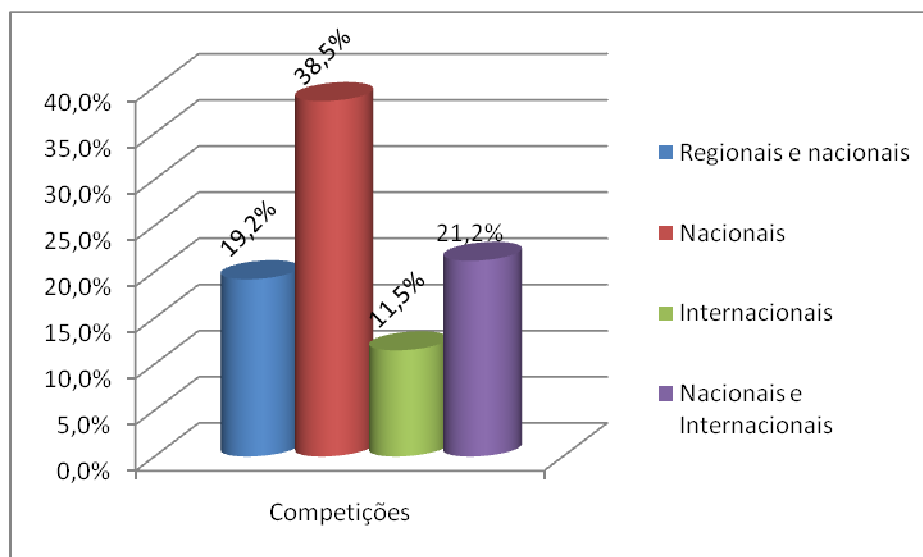


TABELA 3 – DISTRIBUIÇÃO DA VARIÁVEL *HORAS DE TREINO POR SEMANA*

Média (DP)	Mínimo	Máximo
13,55 (5,83)	1,50	25,00

TABELA 4 – DISTRIBUIÇÃO DA VARIÁVEL DISCIPLINA QUE PRATICA NO ATLETISMO

Disciplina	Frequência	Porcentagem
400m e 400m Barreiras	1	1,9%
Lançamento do Peso	1	1,9%
800m, 1500m e 4x400m	1	1,9%
100m e 200m	6	11,5%
Triplo Salto	1	1,9%
1500m	3	5,8%
Salto em Comprimento	2	3,8%
Barreiras	3	5,8%
100m, 200m e 400m	2	3,8%
400m	2	3,8%
60m, 100m e 200m	1	1,9%
100m, 200m e salto em comprimento	2	3,8%
200m e 400m	4	7,7%
800m e 1500m	4	7,7%
3000m Barreiras	1	1,9%
Salto em altura	1	1,9%
100m Barreiras e Salto em altura	1	1,9%
100m, 200m e 4x100m	2	3,8%
Salto com vara	1	1,9%
Decatlo	1	1,9%
Triplo Salto	3	5,8%
100m	1	1,9%
5000m e Corta-mato	1	1,9%
200m, Lançamento do peso e do dardo	2	3,8%

TABELA 5 – DISTRIBUIÇÃO DA VARIÁVEL TEMPO QUE PRATICA A MODALIDADE (EM ANOS)

Média (DP)	Mínimo	Máximo
6,81 (4,23)	1	18

Correlations

		DCC	DCI	SCT	orientacaoego	orientacaotarefa
DCC	Pearson Correlation	1,000	,251	,348*	,080	-,130
	Sig. (2-tailed)		,096	,017	,589	,383
	N	50,000	45	47	48	47
DCI	Pearson Correlation	,251	1,000	,659**	,102	-,435**
	Sig. (2-tailed)	,096		,000	,512	,004
	N	45	46,000	44	44	43
SCT	Pearson Correlation	,348*	,659**	1,000	-,004	-,260
	Sig. (2-tailed)	,017	,000		,979	,085
	N	47	44	48,000	46	45
orientacaoego	Pearson Correlation	,080	,102	-,004	1,000	,154
	Sig. (2-tailed)	,589	,512	,979		,295
	N	48	44	46	50,000	48
orientacaotarefa	Pearson Correlation	-,130	-,435**	-,260	,154	1,000
	Sig. (2-tailed)	,383	,004	,085	,295	
	N	47	43	45	48	49,000

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

CORRELATIONS

```

/VARIABLES=DCC DCI SCT orientacaoego orientacaotarefa Idade horastreinoesemana anodepraticademodalidade
/PRINT=TWOTAIL NOSIG
/MISSING=PAIRWISE.

```

Correlations

		DCC	DCI	SCT	orientacaoego	orientacaotarefa
DCC	Pearson Correlation	1,000	,251	,348*	,080	-,130
	Sig. (2-tailed)		,096	,017	,589	,383
	N	50,000	45	47	48	47
DCI	Pearson Correlation	,251	1,000	,659**	,102	-,435**
	Sig. (2-tailed)	,096		,000	,512	,004
	N	45	46,000	44	44	43
SCT	Pearson Correlation	,348*	,659**	1,000	-,004	-,260
	Sig. (2-tailed)	,017	,000		,979	,085
	N	47	44	48,000	46	45
orientacaoego	Pearson Correlation	,080	,102	-,004	1,000	,154
	Sig. (2-tailed)	,589	,512	,979		,295
	N	48	44	46	50,000	48
orientacaotarefa	Pearson Correlation	-,130	-,435**	-,260	,154	1,000
	Sig. (2-tailed)	,383	,004	,085	,295	
	N	47	43	45	48	49,000

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Correlations

		Idade	horastreino semana	anodepratica demodalida de
DCC	Pearson Correlation	-,143	-,030	-,062
	Sig. (2-tailed)	,322	,840	,668
	N	50	49	50
DCI	Pearson Correlation	-,058	-,326*	-,077
	Sig. (2-tailed)	,702	,029	,613
	N	46	45	46
SCT	Pearson Correlation	-,055	-,233	,058
	Sig. (2-tailed)	,712	,115	,694
	N	48	47	48
orientacaoego	Pearson Correlation	,057	-,203	,063
	Sig. (2-tailed)	,696	,162	,662
	N	50	49	50
orientacaotarefa	Pearson Correlation	,140	,384**	,193
	Sig. (2-tailed)	,337	,007	,184
	N	49	48	49

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Correlations

		DCC	DCI	SCT	orientacaoeg o	orientacaotar efa
Idade	Pearson Correlation	-,143	-,058	-,055	,057	,140
	Sig. (2-tailed)	,322	,702	,712	,696	,337
	N	50	46	48	50	49
horastreino semana	Pearson Correlation	-,030	-,326*	-,233	-,203	,384**
	Sig. (2-tailed)	,840	,029	,115	,162	,007
	N	49	45	47	49	48
anodepraticademodalida de	Pearson Correlation	-,062	-,077	,058	,063	,193
	Sig. (2-tailed)	,668	,613	,694	,662	,184
	N	50	46	48	50	49

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

Correlations

		Idade	horastreino semana	anodepratica demodalida de
Idade	Pearson Correlation	1,000	,354*	,678**
	Sig. (2-tailed)		,011	,000
	N	52,000	51	52
horastreino semana	Pearson Correlation	,354*	1,000	,400**
	Sig. (2-tailed)	,011		,004
	N	51	51,000	51
anodepratica demodalida de	Pearson Correlation	,678**	,400**	1,000
	Sig. (2-tailed)	,000	,004	
	N	52	51	52,000

*. Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

**. Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).